

**DEMÓFILO E A INTRODUÇÃO DO FOLCLORE NA ESPANHA***Demófilo* and the introduction of the folk-lore in Spain

Jesús Pérez García

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

**RESUMO**

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a figura do intelectual espanhol Antonio Machado y Alvarez – mais conhecido como *Demófilo* – e sobre a sua atividade como pesquisador das tradições populares espanholas, focadas principalmente na região espanhola de Andaluzia. Igualmente, esboça o contexto no qual apareceu o folclore na Espanha – um país com especificidades muito concretas em relação a outros países do continente europeu – e as particularidades dos métodos e propostas sociais, científicas e políticas defendidas por *Demófilo*. Por último, indaga as luzes e sombras, os sucessos e os fracassos deste controvertido autor, desvalorizado às vezes, reivindicado outras, mas que sem dúvida pode ser catalogado como mais um sonhador quixotesco dentro da cultura espanhola.

**PALAVRAS-CHAVE:** folclore; flamenco; Espanha.**ABSTRACT**

This article presents a reflexion on the figure of the Spanish intellectual Antonio Machado y Alvarez – better known as *Demófilo* – and his activity as a researcher of popular Spanish traditions, mainly focused on the Spanish region of Andalusia. Likewise, it is proposed to outline the context in which folk-lore appeared in Spain – a country with very particular specificities in relation to other countries of the European continent – and the particularities of the social, scientific and political methods and proposals defended by *Demófilo*. Finally, we pretend to speculate about the lights and shadows, the successes and failures of this controversial author, sometimes devalued, claimed others, but who can, without any doubt, be classified as another quixotic dreamer within Spanish culture.

**KEYWORDS:** folk-lore; flamenco; Spain.**“The lore of the people”**

Como é sabido, a palavra “folclore” procede da língua inglesa, e é resultado da combinação de duas palavras: *folk*, que significa “povo”, e *lore*, que quer dizer “acervo”, “saber”, “conhecimento”. Assim, seguindo o seu significado inicial, “folclore” faria referência ao saber do povo.

O primeiro em utilizar o conceito foi o antropólogo inglês William John Thoms, quando, em 1846, começou a escrever uma coluna na revista londrina *Athenaeum*:

William Thoms, editor of “Notes and Queries”, sent to the *Athenaeum* an article titled “FOLK-LORE”, proposing a new name and a new direction for the subject. Thoms intended this good Saxon compound, folk-lore – *the lore of the people* to denote “the manners, customs, observances, superstitions, ballads, proverbs &c. of the olden time”, or “what we in England designate as Popular Antiquities or Popular literature”<sup>1</sup>. (DILLION, 2016, p. 2)

<sup>1</sup> Tradução minha: “William Thoms, editor de ‘Notes and Queries’, enviou ao *Athenaeum* um artigo intitulado ‘FOLK-LORE’, propondo um novo nome e uma nova direção para o assunto. Thoms propôs esta boa composição saxônica, folk-lore – *a sabedoria do povo* para denotar ‘as formas, costumes, observâncias, superstições, baladas, provérbios etc., dos tempos antigos’, ou ‘o que na Inglaterra designamos como Antiguidades Populares ou Literatura Popular’”.

Thoms era o que na Inglaterra conhecia-se como *antiquary*:

The quest for antiquities of all kinds had intrigued Englishmen throughout the seventeenth and eighteenth centuries. They wrote books on Greek, Roman, and Norman antiquities; on the antiquities of numerous English towns and countries which they often coupled with “natural history”, “scenery”, and “curiosities” [...] The concept of “antiquities”, even in its earliest formulation, was not restricted to written and material records of the past; it also covered oral traditions<sup>2</sup>. (DORSON, 1968, p. 2-3)

Thoms trabalhou frequentemente como compilador de histórias e mitos antigos. Também foi um dos fundadores da primeira Sociedade de Folclore, criada em 1878 (DORSON, 1968, p. 1). Mas o interesse pelas tradições antigas e os hábitos dos povos antecedem ao senhor Thoms. De fato, na mesma Inglaterra assistimos, já desde o século XVI, a publicações sobre as marcas da antiguidade ou os costumes populares através de John Leland (1503-1552), William Camden (1551-1628) ou outros autores para os quais o interesse pela antiguidade clássica e o interesse nacional estavam na base mesma desse crescente interesse:

The emergence of national sentiment in Elizabethan times was accompanied by the New Learning, practised by bibliophiles and footloose scholars, liberating the study of the past from the theological tracts of the monks. A strong interest in Roman ruins and relics characterized this learning, as a virile nation aspiring to greatness viewed the remnants of an ancient empire scattered about its island home. The Roman fort, the Saxon church, the Celtic burial mound proved alluring to a new genus of historical antiquary<sup>3</sup>. (DORSON, 1968, p. 2)

Assim, o estudo das antigas tradições surge na Europa concomitantemente à aparição dos vestígios da antiguidade, não enquanto aparição sob camadas de terra, mas como desvelamento ao olhar histórico. O distanciamento da natureza e o início da sua apreciação como espaço natural vêm unidos à sua apreciação como espaço histórico. O habitante do “território”, fazia parte dele e da sua história (cf. ZUMTHOR, 1994, p. 78), mas na Baixa Idade Média essa unidade começa a rasgar-se nas distâncias espaciais e temporais. O trânsito “do mundo fechado ao universo infinito” (KOYRÉ, 2006, p. 3) também é histórico, e os estados-nação descobrem nas suas próprias cidades, depois de mil anos, as velhas obras clássicas e uma noção cíclica da história. Se as grandes civilizações grega e romana passaram, por que não vai acontecer com a nossa? A noção da finitude nos levará a esse “culto moderno aos monumentos” que Aloïs Riegl descreveu assim:

[...] da mão do homem, exigimos a criação de obras integrais como símbolo da gênese necessária segundo as leis da natureza; pelo contrário, ao passo que da natureza exigimos a dissolução da integralidade, igualmente como símbolo, necessário e de lei, do decurso desagregador. (RIEGL, 2014, p. 51)

<sup>2</sup> Tradução minha: “A procura de antiguidades de todos os tipos havia intrigado os ingleses durante os séculos XVII e XVIII. Eles escreveram livros sobre antiguidades gregas, romanas e normandas, sobre as antiguidades de numerosas cidades e países ingleses que muitas vezes misturaram ‘história natural’, ‘paisagens’ e ‘curiosidades’ [...] O conceito de ‘antiguidades’, mesmo na sua primeira formulação, não se restringiu a registros escritos e materiais do passado; também abrangeu tradições orais”.

<sup>3</sup> Tradução minha: “O surgimento do sentimento nacional nos tempos isabelinos foi acompanhado pela Nova Aprendizagem, praticada por bibliófilos e estudiosos do espaço, liberando o estudo do passado das áreas teológicas dos monges. Um forte interesse pelas ruínas e relíquias romanas caracterizou esta aprendizagem, como uma nação viril que aspirava à grandeza, observava os restos de um antigo império disperso sobre a sua casa na ilha. O forte romano, a igreja saxã, o túmulo celta provaram ser atraentes para um novo gênero de história antiga”.

A progressiva identificação com a antiguidade clássica deixa os séculos da sociedade feudal em uma posição de interrupção chamada de Idade Média (idade intermédia entre a razão antiga e a nova razão, idade caracterizada pelas trevas que taparam as luzes da razão). A associação feita baseou-se na ideia de racionalidade, atribuindo a essa Idade Média as características de irracional e submetida às superstições. É por isso que o resgate das tradições a partir do século XV emerge de um caráter racionalista que, pela sua vez (paradoxalmente) é antirracionalista<sup>4</sup>, tem um caráter de autoafirmação nacional que é por si mesma um apelo ao irracional. Um divórcio se perpetra no interior da cultura ocidental: uma separação que coloca ao sujeito nominal frente a sua cultura, frente a sua terra, frente a Deus, frente ao mundo que se espalha pelo espaço, pelos céus, pelas terras, pelos mares, pelo tempo, e coloca uma distância entre o ponto desde o qual olha e o final dessa visão, um final longe dele, que remete a ele, provocando uma “divisão da alma” e “uma agitação sem ordem nem repouso” (BESSE, 2014, p.6). O aprofundamento desta dramática ruptura levará à distinção abissal cartesiana *res extensa/res cogitans*, isto é, alma/corpo, físico/espiritual, que vai fazer com que a atenção seja colocada nos dois aspectos da existência em forma separada: a razão de um lado e a emoção de outro e, conseqüentemente, a natureza de um lado e a cultura de outro.

Estas tensões entre a técnica e a emoção, o físico e o espiritual, o passado e o futuro, e a natureza e a cultura, vão disseminar-se em diferentes formas ao passo dos séculos. No século XVI, tal como expressa Francis Bacon, a perspectiva do futuro tinha sido inflacionada, ganhando em importância a fé na ideia de progresso da humanidade e sua racionalidade através do conhecimento técnico:

Vale também recordar a força, a virtude e as conseqüências das coisas descobertas, o que em nada é tão manifesto quanto naquelas três descobertas que eram desconhecidas dos antigos e cujas origens, embora recentes, são obscuras e inglórias. Referimo-nos à arte da imprensa, à pólvora e à agulha de marear. Efetivamente essas três descobertas mudaram o aspecto e o estado das coisas em todo o mundo: a primeira nas letras, a segunda na arte militar e a terceira na navegação. Daí se seguiram inúmeras mudanças e essas foram de tal ordem que não consta que nenhum império, nenhuma seita, nenhum astro tenham tido maior poder e exercido maior influência sobre os assuntos humanos que esses três inventos mecânicos. (BACON, 2002, p. 106-107)

No século XVIII, vai produzir-se um giro radical no eixo, e o estado de natureza – que remete a um passado – começa a ser revalorizado em detrimento da progressão e da racionalidade, que não seriam outra coisa que a perversão e a corrupção do estado natural.

La Edad de oro, la era de la virtud de cada pueblo, ha sido la de su ignorancia, ya que a medida que se ha hecho más sabio, artista y filósofo ha perdido sus buenas costumbres y su probidad, volviendo en esto al rango de las naciones ignorantes y viciosas que son la vergüenza del género humano<sup>5</sup>. (ROUSSEAU, 1979, p. 80)

Pretendia Rousseau abolir a distância criada entre Petrarca e o mundo pela vertigem ao olhar o horizonte desde a cima do monte Ventoux? Ou talvez o que moveu ao filósofo genebrino foi também “a esperança de uma evasão?” (BESSE, 2014, p. 15).

A descoberta das ruínas de Herculano e Pompeia, e a constatação de que a cultura clássica não era só feita de luzes – a certeza de que o apolíneo convivia com o dionisíaco –, geraram

<sup>4</sup> A questão do paradoxal da racionalização do irracional é bem perceptível no século XVIII. As obras do Marquês de Sade são um exemplo perfeito: o sadismo, que parte das pulsões, não é possível sem uma formidável racionalização e organização das mesmas. A própria justificativa de Sade, racionalizando o impulso irracional, é uma prova clara: “La naturaleza me concedió estos impulsos y resistirme a ellos sería ultrajarla” (A natureza me deu esses impulsos e resistir a eles seria violentá-la) (HONOUR, 1982, p. 138).

<sup>5</sup> Tradução minha: “A idade de ouro, a era da virtude de cada povo, foi a da sua ignorância, já que a medida que se fez mais sábio, artista e filósofo perdeu suas boas costumes e sua honestidade, voltando em isso ao rango das nações ignorantes e viciosas que são a vergonha do gênero humano”.

uma certa decepção em relação à idealização do mundo grego, mas não em relação aos conceitos de natureza, antiguidade e pureza:

Justo en el momento en que los teóricos del arte se quejaban de la amoralidad del Rococó y propugnaban su visión neoclásica de un mundo antiguo puro, noble e incorrupto, la Academia de Herculano sacó un volumen casi todo él dedicado a grabados de lámparas y dijes en forma de falos furiosamente triunfantes [...]. Era evidente que Roma se había hundido en un abismo de depravación lujuriosa mucho más hondo que aquel que el que la Europa del siglo XVIII se esforzaba por salir<sup>6</sup>. (HONOUR, 1982, p. 84)

Homero veio a ser substituído por Ossian: “Ossian ha desplazado en mi corazón a Homero”<sup>7</sup>, disse Goethe através do jovem Werther em 1774, antes de prosseguir falando do “[...] canoso bardo errante, que busca las huellas de sus antepasados por la ancha llanura [...]”<sup>8</sup> (GOETHE, 1981, p. 83), e é por causa de Ossian que Edward Gibbon opôs “[...] a los sencillos caledonios, resplandecientes con las cálidas virtudes naturales, y a los degenerados romanos, corrompidos por los vicios de la riqueza y la esclavitud”<sup>9</sup> (HONOUR, 1982, p. 104).

Ossian, o controvertido e mítico poeta celta criado à imagem e semelhança dos tempos por James Macpherson, será uma das debilidades de um amigo de Goethe, um dos autores que transvasam a ideia de espírito grego à ideia do espírito alemão: Johann Gottfried Herder.

Herder considerava que a origem da linguagem tinha motivações antropológicas e estritamente humanas – e não divinas. Ao mesmo tempo –e também conseqüentemente – almejava achar uma literatura propriamente alemã, emancipada das influências estrangeiras. A influência do seu professor, Immanuel Kant, e da sua concepção da história e dos signos dos tempos, assim como a noção de realização histórica, levarão Herder a conceber a história da humanidade como a história de uma realização: “[...] el primer pensamiento de la primera alma humana se halla en interdependencia con el último que haya tenido lugar en el alma del hombre<sup>10</sup>” (HERDER, 2002, p. 147). Porém, na sua reação contra Kant, Herder não aceita a separação razão/emoção e leva a questão à *poiesis* (às artes). Para ele, não é possível entender a poesia se não se conhece a própria existência e a cultura da qual emerge. Ele entende que a obra poética não é um ato individual, mas a manifestação de um espírito do povo, do *Volkgeist*.

A forma particular de entender o progresso por parte de Herder dá lugar a uma concepção segundo a qual a natureza não é unitária e está sujeita a imperfeições e diferenças. Ao contrário do pensamento racionalista, que considera a exceção como aberração, Herder considera esta como parte do progresso da humanidade. Cada cultura, cada povo, tem as suas próprias regras e leis. A variabilidade das leis naturais é concomitante à variabilidade das leis humanas.

Para Herder, a nação é o mais sagrado que existe, e o seu espírito é diferente para cada uma. O *Volkgeist*, as forças inconscientes que habitam cada povo, manifesta-se na poesia, na história e no direito.

A ideia da razão como corrupção leva à ignorância como depositária do estado de natureza, genuíno, incorrupto. O povo, livre do “pecado originário” da razão, é depositário da cultura

<sup>6</sup> Tradução minha: “Exatamente no momento em que os teóricos da arte se queixavam da amoralidade do Rococó e propunham sua visão neoclássica de um mundo antigo puro, nobre e não corrompido, a Academia de Herculano publicou um volume dedicado à gravuras de lâmpadas e joias com forma de pênis furiosamente triunfantes [...]. Era evidente que Roma tinha mergulhado em um abismo de depravação luxuriante muito mais profundo do que aquele que a Europa do século XVIII estava lutando para sair”.

<sup>7</sup> Tradução minha: “Ossian suplantou Homero no meu coração”.

<sup>8</sup> Tradução minha: “[...] grisalho bardo errante, que procura as marcas dos seus antepassados pela vasta planície” [...].

<sup>9</sup> Tradução minha: “[...] aos simples caledonianos, resplandecientes com as cálidas virtudes naturais, e aos romanos degenerados, corrompidos pelos vícios da riqueza e da escravidão”.

<sup>10</sup> Tradução minha: “[...] o primeiro pensamento da primeira alma humana encontra-se em interdependência com o último que tenha ocorrido na alma do homem”.

originária do “gênio popular”, que surgiu da mistura dos homens com a terra, dos ventos e da natureza e foi transmitindo-se através de cantos populares e lendas, das artes do povo. Surge assim uma distinção entre a arte racionalista e a arte popular.

As revoluções norte-americana e francesa, produzem uma mudança do eixo da estrutura sociopolítica – o povo, a nação, fazem cargo do seu próprio destino – levando a noção de nação e de povo a um estado dinâmico em duas direções: de um lado, a nação transcende o país ou o povo, no sentido de que as ações dele já não são mais diretas – por exemplo, não existe uma relação direta entre as conquistas espanholas ou inglesas além das suas fronteiras e da população, e se faz preciso criar um vínculo entre ambas. De outro, existe um dinamismo em relação aos indivíduos: se na Europa católica o povo é essencialmente um povo ao qual o Todo-Poderoso entrega uma série de atributos – como um grande teatro *calderoniano*, no qual cada indivíduo recebe um papel e deve viver fazendo um bom uso desse papel até a morte –, a introdução da possibilidade de mudança, de evolução, apresenta um cidadão suscetível de câmbio e que, portanto, se desenvolve historicamente.

Quando Thoms funda a Sociedade de Folclore, a Inglaterra está em plena segunda revolução industrial, a França vive o esplendor da modernidade, a sociedade burguesa se impõe por toda Europa, “tudo que é sólido se desmancha no ar”<sup>11</sup>, e até sociedades tradicionalmente fechadas, como é o caso da espanhola, começam a receber timidamente ideias de fora.

### **Demófilo e a introdução do folclore na Espanha**

Ya se que si para ser  
el hombre elección tuviera,  
ninguno el papel quisiera  
del sentir y padecer  
[...]  
Pero yo, autor soberano,  
sé bien qué papel hará  
mejor cada uno; así va  
repartíendolos mi mano<sup>12</sup>.  
(CALDERÓN, 1999, p. 50)

Entre os séculos XVI e XIX, na Espanha não ocorreu revolução burguesa, não aconteceu revolução industrial e não adveio nenhuma revolução científica. O estado-nação mais antigo da Europa não precisou de uma construção de um imaginário comum porque esse já tinha sido construído após séculos de guerra contra os reinos muçulmanos e ratificado pela Santa Inquisição. O ato fundacional da Espanha como país foi a unidade religiosa, a união, sob aprovação divina, dos reinos de Castela e Aragão, através de um matrimônio que tinha um objetivo: converter a Península Ibérica em uma unidade cristã. Isabel de Castela e Fernando de Aragão, os Reis Católicos, uniram forças para aniquilar o Reino de Granada, oficialmente muçulmano, mas com liberdade de crenças. Após a conquista de Granada, nesse mesmo ano de 1492, foi decretada a expulsão da Península Ibérica de todas aquelas pessoas que praticassem qualquer religião que não fosse o catolicismo, principalmente muçulmanos e judeus: instalava-se assim a religião única sob pena de martírio e morte, e a obediência aos reis (Deus na terra).

A Espanha nunca soube sair dessa marca inaugural. No século XVI, Felipe II assinará o período mais obscuro na História do país ao submeter o seu Império – quase a metade do mundo – ao fogo da Inquisição. Quase a totalidade da América e muitos países da Europa são submetidos à repressão. O território da Península Ibérica é transformado em uma espécie de convento no qual

<sup>11</sup> Parafrazeando a famosa frase de Karl Marx e Friedrich Engels escrita no *Manifesto Comunista* e que no século XX serviria a Marshall Bermann para escrever seu célebre estudo sobre a modernidade: *Tudo que é sólido se desmancha no ar*.

<sup>12</sup> Tradução minha: “Eu sei que se para ser / o homem eleição tiver / nenhum deles papel quiser / de sentir e padecer / [...] Mas eu, autor soberano, / sei bem que papel fará / melhor cada um; assim vai / repartindo-os minha mão”.

se sucedem os martírios, as torturas e os juízos de Deus, e o ouro e a prata arrancado das entranhas de América são empregados na construção de igrejas, monastérios e catedrais, ou queimado em guerras santas. Em relação ao conhecimento, um Decreto Real de 1559 proíbe explicitamente aos espanhóis estudar em qualquer universidade que não seja espanhola (com exceção das universidades católicas de Nápoles, Bolonha, Roma e Lisboa). É o ano de 1559, e as portas do convento-nação são fechadas.

A Europa foi culturalmente vetada aos espanhóis pela própria Espanha. No século XIX, os defensores das ideias liberais na Espanha eram chamados pejorativamente de “afrancesados”, o que constitui uma truculenta associação entre nacionalidade e ideologia: ser liberal não é próprio de espanhóis; considerava-se que o próprio do povo espanhol era ser monárquico e católico.

Só em 1834 é abolida a Santa Inquisição, e só em 1843, Pedro Gómez de la Serna y Tully, um ‘afrancesado’, ministro do Governo de Espanha durante dois meses e meio, aproveitará esse pouco tempo para subverter – mais do que anular – o decreto de 1559, enviando, em missão oficial à Universidade de Heidelberg (Alemanha), Julián Sanz del Río.

Sanz del Río também não perdeu tempo, e voltou à Espanha com as ideias do krausismo – uma doutrina que defende a tolerância acadêmica e a liberdade de cátedra frente ao dogmatismo, e que deve seu nome ao pensador pós-kantiano alemão Karl Christian Friedrich Krause (1781-1832) – na mesma época em que Antonio Machado Núñez, catedrático de biologia da Universidade de Sevilha, enfrentava as autoridades na sua luta por difundir as ideias de Charles Darwin pela Espanha.

O filho de Antonio Machado Núñez, Antonio Machado y Álvarez, criou-se em Sevilha com estas influências: o racionalismo e o evolucionismo predicados pelo seu pai, e o gosto pelas tradições e pelos costumes populares herdado da sua mãe. Antonio Machado y Álvarez, também conhecido como *Demófilo*, é considerado o introdutor do folclore na Espanha. Ele criou a Sociedade Espanhola de Folclore e a Sociedade Andaluza de Folclore, e não só isso: ele foi talvez o primeiro estudioso a sistematizar o flamenco na Espanha.

*Demófilo* recebeu uma educação muito especial no âmbito da Espanha da segunda metade do século XIX, um país eminentemente rural, subdesenvolvido, e com uma maioria analfabeta<sup>13</sup>. A educação era propriedade de uma elite específica que anelava a incursão do país na Europa.

Bem cedo, Machado y Álvarez adotou o apelido de *Demófilo*, e desenvolveu a ideia de que a melhor educação, para esse povo analfabeto que era o povo espanhol, era a aprendizagem e valoração da sua cultura popular. Ele achava, na mesma linha de pensamento de Herder, que o conhecimento da cultura popular poderia levar a uma nova humanidade, mas com uma diferença em relação ao filósofo alemão: *Demófilo* aceita o positivismo e o evolucionismo. Se Herder tem uma característica alemã nata (de autoafirmação do que é especificamente alemão), a ideia de *Demófilo* é que essa superação, esse conhecimento da cultura popular, vai levar a Espanha ao contrário: à abertura ao mundo. Se na Europa tem intelectuais que anelam o passado, na Espanha acontece o contrário: o que se anela é o abandono definitivo daquele passado secular e repressor.

Por influência do seu pai entra em conhecimento das primeiras sociedades de folclore criadas na Inglaterra e do positivismo e do darwinismo social de Herbert Spencer e Edward Burnet Tylor e sua *Primitive Culture*. Graças a sua amizade com o linguista alemão Hugo Schuchardt, entra em contato com os sábios europeus que trabalham com questões relacionadas com o folclore na França, Alemanha, Itália, Inglaterra e Portugal, depois procurará sua própria plataforma na Espanha. Schuchardt trabalhou frequentemente com *Demófilo*, dado o seu interesse pelos estudos sobre o dialeto andaluz e a sua fonética, diferente da fonética castelhana.

Enquanto no âmbito do folclore europeu existe uma corrente de autoafirmação nacional e uma procura da origem, na Espanha, o folclore tem um caráter racionalista e progressista desde seu início, visando mais o futuro do que o passado, do qual, como já dito, tenta fugir.

Com esse olhar colocado no futuro, Antonio Machado y Álvarez começou a firmar os seus escritos como *Demófilo* (“o amigo do povo”). O que ele pretendia era levar a cabo uma tarefa

<sup>13</sup> Em 1860, a percentagem de alfabetização na Espanha era do 20% (cf. VIÑAO, 2009, p. 7).

que incluísse o povo mesmo, que incluísse todas as pessoas, recopilando informação, transmitindo seus saberes, sem contar com a academia. Os seus principais colaboradores foram sua própria mãe, Doña Cipriana – Cipriana Álvarez Durán, “a mulher dos contos” – e os seus vizinhos.

*Demófilo* procedia de uma família associada ao racionalismo espanhol. O mais antigo membro conhecido da família dos Machado foi Don Francisco Gato Durán, o doutor Gato, que foi médico da Família Real durante os últimos tempos do rei Carlos III e os inícios do reinado de Carlos IV. Filho dele foi o escritor Agustín Durán, autor do *Discurso sobre el influjo que ha tenido la crítica moderna en la decadencia del teatro antiguo español y sobre el modo con que debe ser considerado para juzgar convenientemente de su mérito peculiar*, a *Historia del teatro español*, perdida, e principalmente o seu *Romancero general*. Outros filhos do doutor Gato viveram o exílio na França, por causa das suas ideias. Descendente desses liberais foi Doña Cipriana, quem cresceu influenciada pela tradição de ideias familiares e as influências populares do tio Agustín e seu *Romancero general*.

Doña Cipriana foi de grande importância na formação do seu filho *Demófilo* e na transmissão de muitos contos, lendas e tradições populares para os seus trabalhos e pesquisas sobre o folclore espanhol.

O marido de Doña Cipriana e pai de *Demófilo*, Antonio Machado Núñez, foi militante ativo do krausismo, de ideologia liberal e progressista, e seguidor dos ideais jacobinos republicanos. Era amigo de Francisco Giner de los Ríos e Federico de Castro, o núcleo duro do círculo da ILE (Instituição Livre de Ensino).

Nas suas aulas e textos, Machado Núñez foi divulgador do positivismo e das teorias de Charles Darwin. Aliás, foi fundador da Sociedade Antropológica de Sevilha em 1871, para estudar o homem “como ser físico, espiritual y social”. Foi tradutor de Charles Darwin e de Ernst Haeckel (o criador do conceito de “ecologia”).

Seguindo a tradição familiar, *Demófilo* se autodefinia como livre-pensador muito próximo ao krausismo e ao positivismo de Spencer. Isso levava-o a ter algumas diferenças em relação à *Volkgeist*. Ele via o folk-lore em sentido evolutivo. A sua ideia de povo é muito distante da ideia de povo enunciada por Spencer:

No es ya para mí el Pueblo un ser impersonal y fantástico, una especie de entelequia de que son especie ciertos hombres a quienes por esta razón decimos del pueblo, sino el grado medio que resulta de la cultura de un número indeterminado de hombres anónimos, es decir, que no han tenido la energía orgánica necesaria para diferenciarse de los otros lo suficiente para tener una personalidad distinta y propia, razón que les obliga a aceptar y adoptar como suyo, completamente suyo, lo producido por otros<sup>14</sup>. (BALTANÁS, 2006, p. 103)

Frente à concepção do *Volkgeist*, mais estática e apriorística, a concepção *demofiliiana* de “povo” está submetida à mobilidade e a evolução (cf. BALTANÁS, 2006, p.103), mesmo que esteja presidida pelo conservadorismo. Com *Demófilo*, o “povo” é protagonista da ação folclórica e associa folclorismo a “regeneracionismo”, tendência inspirada na medicina, da qual pega o termo como oposto à corrupção. A ideia de muitos intelectuais espanhóis era que a Espanha tinha degenerado desde as antigas “glórias imperiais”. Efetivamente, a sociedade espanhola caracterizava-se pela perda constante, pela miséria crescente e pela ficção de uma glória passada que na verdade nunca aconteceu salvo, com aqueles particulares que provaram a aventura das empresas conquistadoras na América.

<sup>14</sup> Tradução minha: “Não é para mim o povo um ser impessoal e fantástico, uma espécie de enteléquia da qual são espécie certos homens aos quais por esta razão chamamos de povo, mas o grau médio resultante da cultura de um número indeterminado de homens anônimos, isto é, que não tiveram a energia orgânica necessária para diferenciar-se dos outros o suficiente para ter uma personalidade diferente e própria, razão que lhes obriga a aceitar e adotar como próprio, completamente próprio, o produzido por outros”.

Duas tendências abriram-se nesta direção na Espanha, neste momento: de um lado, aquela que procurava simplesmente a recuperação do Império Espanhol, o Império católico que dominava o mundo; de outro lado, aqueles que consideravam que a regeneração da sociedade espanhola havia de ser uma regeneração cultural, que levasse ao povo o saber, a liberdade de pensamento, o progresso e a consciência de humanidade.

Se as tendências folclóricas europeias eram maioritariamente tendências que procuravam as suas origens, um passado, na Espanha, o folclore e a recuperação da essência do povo espanhol só podiam projetar-se no futuro. O passado era algo do qual muitos intelectuais fugiam, daí a frase de Antonio Costa, um dos impulsores do regeneracionismo: “Escuela, despensa y doble llave al sepulcro del Cid” (COSTA, 1914, p. 78)<sup>15</sup>

A questão do folclorismo é para *Demófilo* uma questão de identidade, já que as questões relativas à honra ou à religião, que constituíram o eixo da mesma em séculos passados, não cumprem mais essa função e irão desaparecer no futuro (cf. BALTANÁS, 2006, p.104-105). Nesse sentido, o pensamento de *Demófilo* é sim concomitante com o pensamento europeu, pois a iminente constatação da “morte de Deus” por Friedrich Nietzsche leva, nesta época, a uma substituição de um deus por outro, e o deus imaterial, eterno e imutável começa a transfigurar-se em um deus histórico, ou material, ou positivo. As ideias de “povo” e “nação” proliferam por toda a Europa, e o ritual coletivo das tradições é elevado à categoria de sagrado.

### A obra *demofiliana*

A metodologia de *Demófilo* era a seguinte:

En la recolección de materiales, todos y cada uno de los centros del folk-lore que se constituyan tendrán como principal objetivo la fidelidad en la transcripción y la mayor escrupulosidad en declarar la procedencia de las tradiciones o datos etc., que recojan, utilizando, cuando el estado de sus recursos lo consienta, la escritura musical, dibujo, taquigrafía, fotografía y demás medios adecuados para obtener la fidelidad en la reproducción<sup>16</sup>. (VVAA, 2006, p. 38)

Homem de caráter muito ativo, *Demófilo* participou intensamente na *Revista Mensual de Filosofía, Literatura y Ciencias* (1869-1874) com os seus primeiros trabalhos sobre literatura popular. Em Madri dirigiu uma coleção de livros sobre folclore chamada Biblioteca de Tradiciones Populares, que foi de 1883 a 1888. Foi também o primeiro a fazer uma antologia do “cante flamenco”, expressão musical e poética genuinamente espanhola mas que não tinha sido abordada ainda sob um sistema. Assim, em 1881 publica *Colección de cantes flamencos*. Igualmente, publicou uma *Colección de enigmas y adivinanzas* (1883) e, junto a Federico de Castro, *Cuentos, leyendas y constumbres populares* (1872).

Foi também o primeiro tradutor para o espanhol das obras de William George Black, *Medicina popular: un capítulo en la historia de la cultura* (1888); de Edward Burnett Taylor, *Antropología o Introducción al estudio del hombre y la civilización* (1887); e de Reinhart Dozy, *Investigaciones acerca de la historia y de la literatura de España durante la Edad Media* (1872).

<sup>15</sup> Tradução minha: “Escola, despensa e dupla chave ao sepulcro do Cid”. O Cid é um cavaleiro medieval castelhano, famoso pelas suas lutas contra os exércitos de Al-Andalus e por ser o protagonista do primeiro texto escrito em castelhano, *El cantar del mio Cid*. O Cid representa o espírito cavaleiresco espanhol: um cavaleiro lutador, de pura raça castelhana, religioso acima de tudo e tormento dos inféis muçulmanos. Por isso, Costa diz “dupla chave ao seu sepulcro”: para ele não sair mais de lá e olhar para um outro futuro longe da repressão.

<sup>16</sup> Tradução minha: “Na compilação de materiais, todos e cada um dos centros de Folclore que se constituam terão como principal objetivo a fidelidade na transcrição e o maior empenho em declarar a procedência das tradições ou dados etc., que recolham, utilizando, quando o estado dos seus recursos o permita, a escritura musical, desenho, taquigrafia, fotografia e demais meios adequados para obter a fidelidade na reprodução”.

É a partir da criação da primeira sociedade folclórica do mundo, em Londres (1878), que *Demófilo* amadurece a ideia de criar algo semelhante na Espanha. Ele criou a Sociedade Espanhola de Folclore e a Sociedade Andaluza de Folclore. Depois apareceram na Espanha as sociedades estremenha, castelhana, galega, asturiana e catalã.

*Demófilo* considerava que o povo espanhol devia procurar a solução para seus problemas na sua própria natureza, “[...] conocer su carácter y aptitudes, en las cuales, como en las condiciones de su suelo, hállanse todas las energías de que puede disponer para su regeneración y cura<sup>17</sup>” (BALTANÁS, 2006, p. 106). Daí a necessidade do folclore, porque

[...] por él podemos estudiar las tradiciones -lo que hemos sido- y las costumbres – lo que somos aún –; por él estudiamos los sentimientos, ideas y creencias de nuestro pueblo; por él podemos, reconstituyendo científicamente nuestra historia pasada, conocer y fijar el derrotero de nuestra historia venidera<sup>18</sup>. (VVAA, 2006, p. 43)

Os folcloristas europeus começaram a perceber a repetição de constantes e de histórias em diferentes partes do continente graças à criação de uma rede comum de trabalho. Ao mesmo tempo, em cada lugar apareceram também pequenos matizes sobre a definição do conceito de “povo”. Frente à apriorística concepção do *Volkgeist*, a concepção *demofiliana* de povo está submetida ao conceito de evolução. Com *Demófilo*, o “povo” é o protagonista da ação folclórica, mas “[...] en el hombre culto hay también asunto de folk-lore<sup>19</sup>” (VVAA, 2006, p. 43). O transvase e inter-relação entre conhecimento científico e sabedoria popular, entre povo e elite, devia ser permanente. *Demófilo* achava que o estudo do folclore seria “[...] la organización que permitirá salir a España de su secular postración, a través del reconocimiento de sus raíces y de su implicación en una obra común<sup>20</sup>” (VVAA, 2006, p. 44).

Outra questão importante em *Demófilo* é a ideia de que o ensino e a aculturação não são coisas que partem de uma elite minoritária para descender à maioria. Ao contrário, *Demófilo* pretendia “que fuese el pueblo el que educase a la elite<sup>21</sup>” (VVAA, 2006, p. 45).

Além do seu idealismo, *Demófilo* não logrou dar uma forma acabada à sua obra:

[...] su proyecto tenía mucho de utópico y aun de quijotesco. Quería descentralizar, pero para regenerar la unidad de España, no para negarla: por eso no le asistieron ni los unos ni los otros. Su proyecto era interclasista, sin acepción de ideologías (aunque él tuviera la suya), y acabó por suscitar recelos en todas partes. Se propuso incorporar a las mujeres a la gran obra del folk-lore, y valorar su contribución creativa, y no solo recolectora, al mismo tiempo: demasiado quimérico para la España de su tiempo. Quiso realizar una obra científica, pero sin el paraguas de la universidad, proclamando la herejía de que para recoger el folk-lore no eran precisos sabios ni catedráticos, sino hombres y mujeres diligentes. Frente al proyecto institucionista que buscaba la regeneración española a través de la educación y del influjo de las minorías, él se propuso dar entrada a todos, para empezar desde abajo, desde el conocimiento del pueblo por el pueblo mismo<sup>22</sup>. (VVAA, 2006, p. 62)

<sup>17</sup> Tradução minha: “[...] conhecer seu caráter e atitude, nos quais, como nas condições da sua terra, encontram-se todas as energias de que pode dispor para sua regeneração e cura”.

<sup>18</sup> Tradução minha: “[...] por ele podemos estudar as tradições – o que fomos – e os costumes – o que somos ainda –; por ele estudamos os sentimentos, ideias e crenças do nosso povo; por ele podemos, reconstituindo cientificamente nossa história passada, conhecer e fixar o rumo da nossa história por vir”.

<sup>19</sup> Tradução minha: “[...] no homem culto há também assunto de folclore”.

<sup>20</sup> Tradução minha: “[...] a organização que permitirá a Espanha sair da sua prostração secular através do reconhecimento de suas raízes e da sua implicação em uma obra comum”.

<sup>21</sup> Tradução minha: “que fosse o povo quem educasse a elite”.

<sup>22</sup> Tradução minha: “[...] seu projeto tinha muito de utópico e ainda de quixotesco. Ele queria descentralizar, mas para regenerar a unidade de Espanha, não para negá-la: por isso não lhe ajudaram nem uns nem os outros. Seu projeto era interclassista, sem aceção de ideologias (ainda que ele tivesse a sua), e acabou por suscitar receios em todas as partes.

Mas também levou a cabo uma luta solitária. Enquanto Schuchardt tinha um certo apoio institucional, *Demófilo* movia-se dentro da incompreensão generalizada da cultura espanhola:

[...] todos los hombres extraordinarios que han hecho algo grande, algo que parecía imposible, tenían que ser tachados siempre de borrachos y locos. Pero también en la vida corriente es insuportable oír a todos, en cuanto empieza a hacerse algo libre, noble, inesperado: ese hombre está borracho, es un loco<sup>23</sup> (GOETHE, 1981, p. 46)

Segundo Enrique Baltanás, existe uma série de inovações nos trabalhos de *Demófilo*, entre os quais destacamos aqui três: o oferecimento da relação de informantes em seus trabalhos, a tese de que o flamenco surge de uma parte do povo, mais não do povo em sua totalidade, e, finalmente, a classificação dos textos das músicas flamencas, não pela sua temática ou métrica, mas pelo tipo de música através do qual são cantadas (cf. BALTANÁS, 2006, p. 118). Porém, continua dizendo Baltanás, existe nos seus trabalhos uma série de contradições entre as teorias que *Demófilo* segue, que incluem alguns preconceitos evolucionistas e românticos próprios da época, e seus valiosos trabalhos de campo. Ele identifica o “cante flamenco” como “cante cigano”, enfatizando questões raciais, mas “[...] en la evolución que nos figura no aparece una evolución neutral o biológica, sino social y cultural: de la taberna al café cantante, y no de una raza a otra<sup>24</sup>” (BALTANÁS, 2006, p. 121).

Mas sempre aparece o observador perspicaz, o poeta mais do que o teórico. Seu trabalho de campo concordava melhor com sua arte e sensibilidade do que com a técnica. Quem sabe se ele não tivesse tentado ser um observador externo, alguém que faz um estudo científico, mas aquele pesquisador da existência que faz um produto estético, teria deixado uma obra mais precisa e certa:

Al lado del taciturno y acansinado trabajador, el festivo y bullicioso estudiante; al lado del pilluelo y el tomador, el no menos despreciable rufián aristocrático; al lado del industrial y el comerciante, que alguna que otra vez concurre a estos lugares, el terne y el torero, que hacen de ellos su centro favorito; al lado del hombre de sentimientos delicados que goza con la música triste de la seguidilla gitana o levemente melancólica de la soledad, el de espíritu alegre y bullicioso que va a recrearse con la música, también retozona y alegre, de ese infinito número de composiciones<sup>25</sup>. (DEMÓFILO, 1999, p. 75)

A morte de *Demófilo*, em 1893, coincide com uma profunda mudança na paisagem intelectual da Espanha e da Europa. Parece ser que, além dessas novas perspectivas no campo do pensamento, também atuou contra seu trabalho uma falta de sistematização. *Demófilo* era uma pessoa inquieta que transitava de umas questões para outras e não conseguia finalizar a maioria

Propôs-se incorporar as mulheres à grande obra do folclore, e valorar sua contribuição criativa, e não só coletora, ao mesmo tempo: quimérico demais para a Espanha do seu tempo. Ele quis realizar uma obra científica, mas sem o amparo da universidade, proclamando a heresia de que para recolher o folclore não eram precisos sábios nem catedráticos, mas homens e mulheres diligentes. Perante o projeto institucional que procurava a regeneração espanhola através da educação e do influxo das minorias, ele se propôs a dar entrada a todos, para começar desde abaixo, desde o conhecimento do povo pelo povo mesmo”.

<sup>23</sup> Tradução minha: “[...] todos os homens extraordinários que fizeram algo grande, algo que parecia impossível, foram sempre tratados como bêbados ou de loucos, mas também na vida ordinária é insuportável escutar a todos, no momento em que começa a ser feito algo livre, nobre, inesperado: esse homem está bêbado, é um louco”.

<sup>24</sup> Tradução minha: “[...] na evolução que nos apresenta não aparece uma evolução neutral ou biológica, mas social e cultural: da taberna ao café cantante, e não de uma raça para outra”.

<sup>25</sup> Tradução minha: “Do lado do taciturno e cansado trabalhador, o festivo e vivaz estudante; do lado do malandro e do ladrão, o não menos depreciável falcatra aristocrático; do lado do industrial e do comerciante, que uma ou outra vez concorrem a estes lugares, o fanfarra e o toureiro, que fazem deles seu centro favorito; do lado do homem de sentimentos delicados que goza da música triste da *seguidilla* cigana ou levemente melancólica da *soledad*, o de espírito alegre e brincalhão que vai divertir-se com a música, também brincalhona e alegre, desse infinito número de composições”.

dos seus projetos. Nos anos finais da sua vida, o seu filho maior, que com o tempo chegaria a ser o grande poeta Manuel Machado, ajudou-o nos seus trabalhos, mas o seu tempo havia passado, e só nos anos seguintes terá a importância merecida através da transmissão cultural aos seus filhos, eles sim poetas, Manuel Machado e Antonio Machado, que marcarão o rumo da poesia espanhola do século XX.

### A herança de *Demófilo*

A influência de *Demófilo* na obra dos seus filhos, os poetas Manuel e Antonio Machado, é notória e constante: Manuel chegou a trabalhar com o seu pai nos últimos anos de vida. Além disso, escreveu versos como estes, que já fazem parte do imaginário espanhol:

Hasta que el pueblo las canta,  
Las coplas coplas no son,  
Y cuando las canta el pueblo,  
Ya nadie sabe el autor.<sup>26</sup>

Em Antonio encontramos a presença de *Demófilo* em versos como estes:

Yo escucho los cantos  
De viejas cadencias,  
Que los niños cantan  
Cuando en coro juegan...<sup>27</sup>

Também encontramos o gosto pelo *romancero* (*La tierra de Alvargonzález*) herdado de *Demófilo* ou pelo flamenco (*Cante hondo*), e a herança das ideias *demofilianas* sobre o povo e seu folclore, perceptíveis nos textos de Juan de Mairena, o pensador apócrifo inventado por Antonio Machado:

Mairena tenía una idea del folclore que no era la de los folcloristas de nuestros días. Para él no era el folclore un estudio de las reminiscencias de viejas culturas, de elementos muertos que arrastra inconscientemente el alma del Pueblo en su lengua, en sus prácticas, en sus costumbres etc. [...]. Pensaba Mairena que el folk-lore era cultura viva y creadora de un pueblo de quien había mucho que aprender, para poder luego enseñar bien a las clases adineradas<sup>28</sup>. (MACHADO, 2001, p. 58-59)

Antonio Machado considerava que o folclore constituía o ponto de encontro entre a cultura popular e a cultura erudita. Juan de Mairena escreveria:

Entre españoles, lo esencial humano se encuentra con la mayor pureza y el más acusado relieve en el alma popular [...]. Todo cuanto hay de superfluo en *El Quijote* no proviene de concesiones hechas al gusto popular, o, como se decía entonces, a la necedad del vulgo, sino, por el contrario, a la perversión estética de la corte. Alguien ha dicho con frase desmesurada, inacceptable *ad pedem litterae*, pero con profundo sentido de verdad: en nuestra gran literatura casi todo lo que no es folk-lore es pedantería<sup>29</sup>. (MACHADO, 1937)

<sup>26</sup> Tradução minha: “Até que o povo as canta / As coplas não são, / E quando as canta o povo, / Já ninguém sabe o autor”.

<sup>27</sup> Tradução minha: “Eu escuto os cantos / De velhas cadências / Que as crianças cantam / Quando em roda brincam”.

<sup>28</sup> Tradução minha: “Mairena tinha uma ideia do folclore que não era a dos folcloristas dos nossos dias. Para ele não era o folclore um estudo das reminiscências de velhas culturas, de elementos mortos que arrasta inconscientemente a alma do Povo na sua língua, nas suas práticas, nos seus costumes etc. [...]. Achava Mairena que o folclore era cultura viva e criadora de um povo de quem tinha muito que aprender, para poder depois ensinar bem às classes endinheiradas”.

<sup>29</sup> Tradução minha: “Entre espanhóis, o essencial humano encontra-se com a maior pureza e o mais acusado relevo na alma popular [...]. Tudo que há de supérfluo n’*O Quixote* não procede de concessões feitas ao gosto popular, ou,

Não só nos seus filhos, mas também nas ideias filtradas por eles, que entraram no século XX e, depois, na poesia de Federico García Lorca, de Miguel Hernández e de toda a Geração de 27. Também no pensamento político: quando Espanha deu um passo à frente até a democracia e a república, em 1931, o pensamento *demofiliano* esteve presente no ambiente cultural espanhol, na Instituição Livre de Ensino e nas Missões Pedagógicas. Hugo Schuchardt publicou na Alemanha *Die cantes flamencos*, uma das primeiras grandes obras que sistematizaram o flamenco – coisa que *Demófilo* não conseguiu.

Mas a maior riqueza pode ser encontrada talvez na obra do seu filho Antonio e nessas palavras que o poeta coloca em voz de um autor apócrifo, esse tipo de autor que Espanha não teve, mas que era para ter tido, e que tem um pouco (ou um muito) do seu pai, e que sentencia assim:

Si vais para poetas, cuidad vuestro folclore. Porque la verdadera poesía la hace el Pueblo. Entendámonos: la hace alguien que no sabemos quién es o que, en último término, podemos ignorar quién sea, sin el menor detrimento de la poesía<sup>30</sup>. (MACHADO, 2001, p. 222)

### Referências

- BACON, Francis. *Novum Organum*. Disponível em: [www.odialecto.hpg.com.br](http://www.odialecto.hpg.com.br). Acesso: 22 ago. 2017.
- BALTANÁS, Enrique. *Los Machado: una familia, dos siglos de cultura española*. Sevilla: Fundación José Manuel Lara, 2006.
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CALDERÓN DE LA BARCA. *El gran teatro del mundo*. Barcelona: Cátedra, 1999.
- COSTA, Joaquín. *Crisis política de España: doble llave al sepulcro del Cid*. Madrid: Biblioteca “Costa”, 1914.
- DEMÓFILO. *Colección de cantes flamencos*. Sevilla: Signatura Ediciones de Andalucía, 1999.
- DILLION, Jacqueline. *Thomas Hardy: folklore and resistance*. Londres: Springer, 2016.
- DORSON, Richard M. *History of British Folklore*. Londres: Routledge, 1968.
- GOETHE, Johann Wilhem. *Los sufrimientos del joven Werther*. Barcelona: Planeta, 1981.
- HERDER, Johann Gottfried. *Obra selecta*. Barcelona: RBA, 2002.
- HONOUR, Hugh. *Neoclasicismo*. Madrid: Xarait, 1982.
- KOYRÉ, Alexander. *Do mundo fechado ao universo infinito*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MACHADO, Antonio. *Juan de Mairena: sentencias, donaires y recuerdos de un profesor apócrifo*. Madrid: Biblioteca El Mundo, 2001.
- MACHADO, Antonio. *Sobre la defensa y la difusión de la cultura: el poeta y el Pueblo*. *La Vanguardia*, Barcelona, 16 ago. 1937.
- RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Escritos de combate*. Madrid: Alfaguara, 1979.
- VIÑAO, Antonio. *La alfabetización en España: un proceso cambiante de un mundo multiforme*. Disponível em: [http://campus.usal.es/~efora/efora\\_03/articulos\\_efora\\_03/n3\\_01\\_vinao.pdf](http://campus.usal.es/~efora/efora_03/articulos_efora_03/n3_01_vinao.pdf) 2009. Acesso em: 17 ago. 2017.
- VVAA. *Hoy es siempre todavía: curso internacional sobre Antonio Machado*. Córdoba: Renacimiento, 2006.
- ZUMTHOR, Paul. *La medida del mundo*. Madrid: Cátedra, 1994.

Recebido em: 29 out. 2017.

Aprovado em: 5 dez. 2017.

---

como se dizia então, à necessidade do vulgo, mas, pelo contrário, à perversão estética da corte. Alguém falou com frase desmesurada, inaceitável *ad pedem litterae*, mas com profundo sentido de verdade: na nossa grande literatura quase todo o que não é folclore é pedanteria”.

<sup>30</sup> Tradução minha: “Se querem ser poetas, cuidem seu folclore. Porque a verdadeira poesia a faz o Povo. Para nos compreendermos, a faz alguém que não sabemos quem é ou que, em último termo, podemos ignorar quem é, sem o menor detrimento da poesia”.